

Sobre as antecipações da percepção

[On the anticipations of perception]

Edgard José Jorge Filho*

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro

Na subseção da Analítica dos Princípios, da *Crítica da razão pura*, dedicada às Antecipações da Percepção, Kant formula o princípio destas, desenvolve sua prova e faz observações a respeito. O objetivo deste trabalho é examinar certos aspectos dessa concepção kantiana, apontando algumas dificuldades nela envolvidas, discutindo sua argumentação e buscando uma compreensão satisfatória da mesma.

O princípio das antecipações da percepção é formulado, na edição B da *Crítica da razão pura*, do seguinte modo: “Em todos os fenômenos o real, que é um objeto de sensação, tem uma grandeza intensiva, isto é, um grau” (B 207). O conceito de antecipação, por sua vez, é assim definido: “Pode chamar-se uma antecipação a todo conhecimento pelo qual posso conhecer e determinar a priori o que pertence ao conhecimento empírico” (A 166/ B 208). Ao conhecimento empírico, enquanto conhecimento de fenômenos, pertencem determinações da forma no espaço e no tempo e determinações da matéria. Ora, não há problema em se chamar “antecipação dos fenômenos às determinações puras no espaço e no tempo, tanto no que respeita à figura quanto à grandeza, porque representam a priori tudo o que pode sempre ser dado a posteriori na experiência” (A 167/ B 209). Contudo, o conceito de antecipação é referido prioritariamente não ao conhecimento e à determinação da forma dos fenômenos, mas sim à percepção ou ao real (a matéria) e à sensação dos fenômenos. É com isto que o princípio das antecipações está concernido, daí ele ser tão surpreendente e, a nosso ver, problemático.

O próprio Kant admite que, para alguém acostumado com a reflexão transcendental, há algo de chocante nesse princípio, e que só num sentido excepcional (*im ausnehmenden Verstande*) se pode falar em antecipar da sensação ou da percepção. Ele expõe as razões disso, ao mesmo tempo em que deixa transparecer uma certa ambiguidade em sua

* Email para contato: edgard@puc-rio.br

concepção e uma dúvida residual com relação a esse princípio. Eis as palavras de Kant: “Como, porém, em todos os fenômenos há algo que nunca é conhecido a priori e que, por conseguinte, constitui a diferença entre o conhecimento empírico e o conhecimento a priori, ou seja, a sensação (*Empfindung*) (como matéria (*Materie*) da percepção), segue-se que a sensação é, propriamente o que na verdade nunca pode ser antecipado” (A 167/ B 208-9). Mas, pouco adiante ele afirma: “Porém, se por suposto se encontrasse algo suscetível de conhecer-se a priori em toda sensação, como sensação em geral (sem que seja dada uma sensação particular), mereceria ser chamado antecipação, num sentido excepcional, pois parece estranho antecipar à experiência aquilo que precisamente concerne à sua matéria e que só dela se pode extrair. E é o que efetivamente se passa aqui” (A 167/ B 209). Kant reconhece mais uma vez a estranheza dessa pretensão de antecipar da sensação, ao manifestar-se assim: “Esta antecipação da percepção, para um estudioso habituado à reflexão transcendental e, por conseguinte, cauteloso, tem sempre algo de chocante, suscitando uma certa dúvida em admitir que o entendimento possa antecipar uma proposição sintética, como a do grau de todo real nos fenômenos e, por conseguinte, a da possibilidade da diferença interna da própria sensação, quando se faz abstração de sua qualidade empírica” (A 175/ B 217).

O mais chocante, para alguém habituado a uma distinção precisa e rígida entre matéria e forma dos fenômenos e à identificação do a priori com o elemento formal do conhecimento, é ter de admitir, com o princípio das antecipações da percepção, um certo conhecimento a priori da matéria mesma, ou seja, uma certa forma própria da matéria, intrínseca a ela.¹ Seja como for, a antecipação da percepção não deixa de chocar inclusive o próprio Kant, induzindo a examinar certos aspectos dessa concepção e a apontar certas dificuldades aí presentes.

O primeiro aspecto a considerar consiste na determinação precisa daquilo de que há antecipação. A denominação mesma do princípio parece não deixar margem a dúvidas: é da percepção que há antecipação. Mas, em várias passagens, diz-se expressamente que é do real ou da sensação que lhe corresponde que se antecipa (cf. B 207, B 209). Haveria apenas diferentes maneiras equivalentes de expressar o mesmo princípio ou estas diferentes expressões permitem entrever uma dificuldade conceitual, de que decorrem alguns problemas? Convém tentar esclarecer esse ponto.

¹ Segundo Paton, referindo-se a uma afirmação de Kant em A 161/ B 201, “na determinação a priori dos fenômenos estamos preocupados apenas com a forma de uma qualidade (ou uma quantidade)” (Paton, 1970, vol. 2, p.146, nota 5)

Kant define a percepção: “A percepção é a consciência empírica, isto é, a consciência em que há, ao mesmo tempo, sensação” (B 207). Segundo esta definição, a sensação não é o mesmo que a percepção, embora seja um componente necessário desta. Conforme a Estética Transcendental, a sensação é uma representação recebida meramente subjetiva, dependente da afecção do sujeito por um objeto dos sentidos, um fenômeno. À sensação corresponde o real, ou seja, a matéria do fenômeno, que só é dada na medida em que o sujeito é por ela afetado. Como a sensação é uma representação de nossa receptividade, isto é, da sensibilidade, e esta é uma faculdade passiva, incapaz de atividade sintética, a sensação e o real correspondente a ela independeriam de qualquer síntese, portanto de qualquer atividade do entendimento.

Já a consciência empírica, ou percepção, é uma representação produzida por uma atividade sintética do entendimento, mais precisamente por uma síntese da apreensão. A síntese é a denominação genérica para a ligação, ou a unidade sintética do múltiplo dado. Há diferentes formas de sínteses. A mais fundamental de todas, condição para as demais, é a síntese intelectual, cujo múltiplo unido sinteticamente na unidade transcendental da autoconsciência é o de uma intuição em geral possível, contanto que sensível, não intelectual. Outra forma de síntese, condição para a síntese da apreensão, é a síntese figurada, produzida pela imaginação, cujo múltiplo unido sinteticamente é o múltiplo puro de nossa (humana) intuição sensível, o do espaço e do tempo. Esta síntese leva as intuições do espaço e do tempo à unidade de intuições formais, ou à consciência pura do espaço e do tempo. Finalmente, tem-se a síntese da apreensão, empírica, que produz a percepção, ou consciência empírica, cujo múltiplo unido sinteticamente é o da intuição empírica, no que respeita tanto à forma quanto à matéria desta intuição.

Com base nessa distinção entre a sensação e a percepção, ou consciência empírica, pode-se questionar a validade da aplicação kantiana do conceito de antecipação quer à percepção quer à sensação e ao real. Mas, deve-se buscar uma representação mais exata daquilo que é antecipado e de como ele é produzido, para se ter uma avaliação mais fundamentada da possibilidade dessa antecipação.

O que o princípio antecipa é o ter uma grandeza intensiva ou um grau, seja isto atribuído à sensação e ao real ou à percepção. Para compreender em que consiste uma grandeza intensiva, é preciso contrastá-la com uma grandeza extensiva. Uma grandeza em geral é algo representado como unidade, não como simples agregado de diferentes elementos. Ora, diferentemente do múltiplo, que pode ser dado à nossa receptividade, a unidade não pode sê-lo, tendo de ser produzida por uma atividade

sintética. Portanto, a unidade tem de ser produzida por uma síntese, ou ligação, que, contudo, pode ser de duas espécies diferentes, a que correspondem grandezas de espécies diferentes: as extensivas e as intensivas.

Uma grandeza extensiva é aquela cuja unidade é produzida pela ligação sucessiva de uma pluralidade de partes; por isso a síntese que a produz é qualificada como sucessiva. Tal é o caso do espaço e do tempo, cuja unidade, enquanto intuição formal, é produzida pela síntese sucessiva de uma pluralidade de partes homogêneas, constituída por tempos ou espaços. Mesmo as intuições empíricas, enquanto intuições, são grandezas extensivas, porquanto constituídas pela síntese sucessiva de uma pluralidade de partes. Em contraste com essas grandezas, definem-se as grandezas intensivas da seguinte maneira: “Dou o nome de grandeza intensiva àquela que só pode ser apreendida como unidade e em que a pluralidade só pode representar-se por aproximação da negação = 0” (A 168/ B 210). Cabem algumas observações sobre essa definição.

Em primeiro lugar, a grandeza intensiva é algo apreendido, portanto resulta de uma síntese da apreensão, de uma atividade sintética do entendimento, e não apenas de uma receptividade de nossa sensibilidade. Nesta medida, parece que não seria exato atribuir uma grandeza intensiva à sensação, enquanto mera representação da sensibilidade, como o faz o próprio Kant (cf. A 169/ 211). A síntese da apreensão exercida sobre a sensação produz uma unidade sintética do múltiplo, uma percepção, que propriamente teria uma grandeza intensiva, ou grau. É verdade que a percepção tem também uma grandeza extensiva, pois consiste na síntese da apreensão de uma intuição empírica, que é, por um lado, uma síntese sucessiva, na medida em que liga sucessivamente as múltiplas partes espaciais e temporais dessa intuição.

Segundo, em contraste com a grandeza extensiva, a grandeza intensiva “só pode ser apreendida como unidade” (A 168/ B 210). Enquanto que a grandeza extensiva pode ser apreendida mediante a ligação sucessiva de unidades sintéticas parciais, em que partes espaço- temporais da intuição são levadas a unidades parciais, e então ligadas sucessivamente umas às outras, formando uma unidade integral, com a grandeza intensiva as coisas se passam de outro modo. A grandeza intensiva não é apreendida mediante a ligação sucessiva de sínteses parciais, em que o múltiplo é levado primeiro a unidades parciais, que depois se ligam numa unidade integral, mas é apreendida mediante uma única síntese, que apreende uma unidade total, não pela ligação sucessiva de unidades parciais, mas sim de uma só vez. A grandeza intensiva não é apreendida pela síntese sucessiva de uma pluralidade de partes, mas sim pela produção de uma unidade integral, não mediada por uma pluralidade. Assim,

“a pluralidade só pode representar-se por aproximação da negação = 0” (A 168/ B 210). Parece que a pluralidade não é contida no interior da unidade integral da grandeza intensiva, mas só pode representar-se exteriormente a ela, por uma relação com a negação = 0. Portanto, uma pluralidade de grandezas intensivas, ou de graus, não estaria contida numa grandeza intensiva particular, mas múltiplos graus seriam apenas diferentes instâncias de uma mesma espécie (por exemplo, o calor, o peso, a cor vermelha) de grandeza intensiva, cujas intensidades seriam medidas apenas por comparação com a negação = 0 e com outros graus.²

Tal característica da grandeza intensiva, a de só poder ser apreendida como unidade, coaduna-se com outra, a de ser uma “grandeza cuja apreensão não é sucessiva, mas instantânea” (A 169/ B 210). Como a unidade apreendida não contém partes, tampouco a apreensão que a produz é composta por sínteses parciais sucessivas, produtoras de unidades parciais. A síntese da apreensão que produz uma grandeza intensiva é uma síntese instantânea, pois não liga unidades parciais segundo uma sucessão temporal, mas apreende a unidade integral única num só instante.³ Ora, segundo Kant, pontos e instantes não são espaços nem tempos, embora pressuponham a representação destes, pois seriam apenas limitações destes, ou simples lugares. O tempo e o espaço, como grandezas extensivas, são constituídos por tempos e espaços, enquanto homogêneos, mas não por pontos e instantes (A 169/ B 211). Portanto, a síntese instantânea não é aquela realizada num tempo ínfimo ou mínimo, tal que pudesse ser reduzida em última instância a uma síntese sucessiva, mas aquela que exclui toda sucessão temporal, não podendo unir partes ligadas sucessivamente.⁴

² Em sintonia com essa compreensão, Guyer afirma que “a doutrina da Crítica é que a intensidade de uma sensação só pode ser medida pelo que é essencialmente uma comparação a outras possíveis instâncias da mesma espécie de sensação, que pode ser menos ou mais intensa” (Guyer, 1987, p. 200).

³ É verdade que há certa incoerência na concepção de Kant, pois ele afirma em uma passagem que a síntese produtora da grandeza intensiva se processa ‘num certo tempo’, o que se pode entender como ‘não instantaneamente’: “a sensação (...) terá, contudo, uma grandeza (e isto mediante sua apreensão, em que a consciência empírica pode crescer em um certo tempo desde o nada = 0 até a sua medida dada), terá, pois, uma grandeza intensiva” (B 208).

⁴ A relação entre grandeza intensiva, partes e síntese sucessiva, é interpretada de diferentes maneiras. A interpretação de Paton parece conter uma certa ambiguidade, pois ora ele considera a grandeza intensiva como uma unidade indivisível produzida por uma síntese instantânea e não pela adição sucessiva de partes (graus como partes), ora ele considera essa grandeza como produzida por uma síntese sucessiva, conquanto em tempo ínfimo, de uma pluralidade de graus desde a negação = 0 (cf. Paton, 1970, vol. 2, pp. 136 nota 3, 139, 147, 155 nota 1). Esta última compreensão sugere no mínimo a atenuação da diferença entre grandeza intensiva e grandeza extensiva, como o próprio Paton reconhece: “O fato de que leva tempo, ainda que breve, para passar da ausência de sensação para um dado grau mostra que é apenas por abstração que separamos a quantidade intensiva da extensiva” (Paton, op. cit., vol. 2, p. 143 nota 4).

O reconhecimento dessas características da grandeza intensiva e de sua apreensão traz, porém, uma dificuldade. Ela diz respeito à atribuição de uma qualidade comum às grandezas em geral, extensivas ou intensivas: a continuidade. Esta se define assim: “A propriedade das grandezas, segundo a qual nenhuma de suas partes é a mínima possível (nenhuma parte é simples) denomina-se continuidade” (A 169/ B 211). E mais adiante lemos: “Todos os fenômenos são, portanto, grandezas contínuas, tanto extensivas, segundo a sua intuição, como intensivas, segundo a simples percepção (sensação e portanto realidade)” (A 170/ B 212). Uma vez que a definição da continuidade contém os conceitos de grandezas e de suas partes, não se pode pensar em continuidade sem pensar em partes das grandezas, tanto extensivas quanto intensivas. Mas, em se tratando de grandezas intensivas, isso se mostra problemático. Pois, uma grandeza intensiva é apreendida por uma síntese instantânea, somente como unidade e, como ela não se constitui pela ligação de sínteses parciais, ou intermediárias, em que se liguem unidades parciais, parece que a grandeza intensiva não conteria partes. Ora, supondo que pudesse haver grandezas sem partes, não se poderia atribuir-lhes a propriedade da continuidade, segundo a qual nenhuma de suas partes é a mínima possível. E, supondo que houvesse grandezas intensivas, ou graus, sem partes, não se poderiam ordenar segundo uma gradação infinita (em que não há o mínimo possível, o simples), pois então a unidade única coincidiria com o mínimo e o máximo. Por consequência, a percepção ou a sensação e o real não poderiam ter um grau numa gradação contínua. Deve-se, contudo, procurar evitar esta conclusão em choque frontal com o princípio das

Em maior sintonia com nossa interpretação da tese kantiana de que a grandeza intensiva “é apreendida só como unidade”, Bennett afirma que “o melhor que posso fazer com ‘apreendida como unidade’ é interpretá-la como ‘não tem partes’, o que sugere uma definição negativa de magnitude intensiva como magnitude que não é extensiva” (Bennett, 1979, pp. 202-3).

Cassirer apresenta uma interpretação semelhante, ao afirmar que “esta magnitude da qualidade fixada em um ponto não está formada, pois, como a magnitude do trajeto, por uma série de ‘partes’ descontínuas, mas existe total e indivisamente naquele ponto, sem prejuízo de que represente, em relação com outras magnitudes da mesma classe, um determinado ‘mais’ ou ‘menos’, quer dizer, de que admita uma comparação exata.” Mais adiante ele afirma: “a rigor, a apreensão por meio somente da sensação não ocupa mais do que um instante: a um indivisível ‘agora’ corresponde um conteúdo indivisível de sensação” (Cassirer, 1968, pp. 214, 216).

Nossa interpretação tem maior afinidade com a de Guyer, pois, segundo ele, “nos termos de Kant, uma magnitude extensiva é uma que mede uma ‘síntese sucessiva procedendo das partes para a representação total’; mas tudo aquilo cuja apreensão é instantânea (...) não pode ter partes, assim, não pode admitir a medida de suas partes, portanto, só pode ter uma magnitude intensiva, ‘uma magnitude que é apreendida somente como uma unidade’”. Mais adiante ele completa: “... Kant toma como a premissa de sua teoria que a ‘apreensão por meio somente da sensação ocupa apenas um instante’. Isso significa que qualquer que seja a magnitude atribuída à sensação, ela não pode ser a espécie de magnitude gerada pela apreensão sucessiva de partes distintas de um objeto no tempo – isto é, magnitude extensiva” (Guyer, 1987, pp. 199, 202).

antecipações da percepção. Para tanto, deve-se investigar se a grandeza intensiva, apreendida instantaneamente só como unidade, pode de algum modo conter e ligar sinteticamente partes.

Eis outra razão para investigar esse ponto. A grandeza intensiva da percepção é apreendida por uma síntese, particularmente por uma síntese instantânea. Ora, as sínteses em geral, enquanto ligações, consistem na unidade sintética do múltiplo. Portanto, as sínteses têm como condição um múltiplo a unir sinteticamente. Logo, só haverá síntese se houver um múltiplo a ligar. Se a grandeza intensiva é apreendida por uma síntese, nesta um múltiplo tem de ser ligado. Mas, se a grandeza intensiva é apreendida somente como unidade, não pela síntese de uma pluralidade de sensações intermediárias entre a negação = 0 e uma sensação dada, como se poderia encontrar aí um múltiplo? Se a pluralidade é exterior a uma grandeza intensiva, encontrando-se apenas na relação de diferentes grandezas intensivas (percepções ou sensações) da mesma espécie com a negação = 0, então a grandeza intensiva parece não conter nenhum múltiplo. Mas, se for assim, ela não seria produzida por nenhuma síntese, como a percepção o é. Neste caso, a percepção não poderia ter grandeza intensiva.

Pode-se objetar que não é correto igualar o múltiplo à pluralidade, pois o múltiplo da ligação, enquanto unidade sintética do múltiplo, não é a categoria de pluralidade, assim como a unidade dessa ligação não é a categoria de unidade, conforme adverte Kant (cf. B 131, § 15 D.T.). Sem entrar no mérito dessa questão, propõe-se uma busca do múltiplo que seria condição dessa síntese da apreensão da grandeza intensiva.

Os mais prováveis candidatos a esse múltiplo seriam, além da sensação (com lugar assegurado), a negação = 0, a intuição pura e a consciência pura (B 208). Porque, na síntese da apreensão, a negação, a intuição pura ou a consciência pura, são as únicas representações que talvez se liguem de algum modo à sensação. Tome-se, primeiro, a negação = 0. Kant afirma que "...a sensação (...) terá, contudo, uma grandeza (mediante a sua apreensão (Apprehension) em que a consciência empírica pode crescer em um certo tempo (in einer gewissen Zeit) desde o nada (nichts) = 0 até a sua medida dada); terá, pois, uma grandeza intensiva..." (B 208). Tem-se, portanto, de um lado a sensação, de outro lado a negação, ou o nada. Uma questão trivial é se ligar a sensação ao nada é efetivamente ligá-la, ou seja, se de fato haveria uma síntese aqui, capaz de produzir a percepção, ou consciência empírica. Se não houver síntese, não haverá percepção, tampouco antecipação dela. Supondo, ao contrário, que ligar a sensação ao nada constitua uma síntese em que um múlti-

plo (a sensação e o nada) seja unido sinteticamente, como numa ligação de partes, poder-se-ia entender tal síntese como a percepção e atribuir-lhe grandeza intensiva? Ora, se o múltiplo é a sensação e o nada (considerados aqui como partes), cuja ligação tem uma grandeza intensiva, com a propriedade da continuidade, segundo a qual nenhuma das partes é a mínima possível, então há outra dificuldade. Pois, uma das duas partes integrantes do múltiplo é o nada, ou seja, é a parte mínima possível, o que está em desacordo com a propriedade das grandezas em geral, a continuidade. Não havendo continuidade, não pode haver grandeza em geral, donde não pode haver grandeza intensiva ou grau.

Tente-se agora como sendo o múltiplo a intuição pura = 0 e a sensação, conforme se depreende da passagem: “é possível uma síntese da produção da grandeza de uma sensação a partir do seu início, a intuição pura = 0, até a grandeza que se lhe queira dar” (B 208). A intuição pura = 0 é diferente da intuição empírica, em que há sensação. Se, em primeiro lugar, a intuição pura for entendida como a simples forma da intuição sensível humana, então ela já está presente na intuição empírica, ordenando a sensação, de tal modo que a ligação da sensação a esta forma parece produzir apenas a intuição empírica enquanto unidade sintética. Esta unidade contém a síntese do múltiplo, inclusive do múltiplo da forma da intuição, e a síntese deste produz a intuição pura enquanto intuição formal (B 161 nota). Ora, a intuição formal, do espaço e do tempo, é uma grandeza extensiva, produzida por uma síntese sucessiva, e ela integra o múltiplo da síntese produtora da grandeza intensiva da percepção ou, conforme se queira, da sensação. Mas, como poderia uma grandeza extensiva, a intuição pura, produzida por uma síntese sucessiva, ser integrante de uma grandeza intensiva, produzida por uma síntese apenas instantânea?⁵ Ademais, como poderia haver continuidade entre a intuição pura, simples forma sem componente material, e a intuição empírica, em que o componente material é ordenado segundo o componente formal? Entre esses componentes, portanto entre as intuições pura e empírica, haveria uma distinção não de grau (numa gradação contínua), mas de espécie, pois a intuição pura não contém nenhum grau de matéria.⁶ Se,

⁵ Haveria uma diferença de espécie entre a grandeza extensiva e a grandeza intensiva, como parecem reconhecer tanto Bennett quanto Guyer. O primeiro afirma: “Portanto, o melhor que Kant pode dizer é: as magnitudes intensivas são magnitudes que não são extensivas” (Bennett, 1979, p. 204). E, segundo Guyer: “Nos termos de Kant, uma magnitude extensiva é uma que mede uma ‘síntese sucessiva que procede das partes para a representação total’; mas tudo aquilo cuja apreensão é instantânea (...) não pode ter partes, assim, não pode admitir uma medida de suas partes. Portanto, só pode ter uma magnitude intensiva, ‘uma magnitude que é apreendida apenas como uma unidade’” (Guyer, 1987, p. 199).

⁶ A diferença entre a sensação e a intuição pura não é apenas de grau, mas de espécie. Elas são, de fato, heterogêneas e, a rigor, não seria possível a passagem gradual de uma a outra, como observa

em segundo lugar, a intuição pura for entendida prontamente como intuição formal e não apenas como forma da sensibilidade, reaparece mais diretamente essa mesma dificuldade.

Resta como candidato a múltiplo da síntese produtora da grandeza intensiva a sensação e a consciência pura, entendida esta como a unidade sintética do múltiplo no espaço e no tempo, conforme uma interpretação da seguinte passagem: “da consciência empírica à consciência pura é possível uma passagem gradual, em que desaparece totalmente o real da primeira, permanecendo apenas a consciência formal (a priori) do múltiplo no espaço e no tempo; ou seja, também é possível uma síntese da produção da grandeza de uma sensação a partir do seu início, a intuição pura = 0, até a grandeza que se lhe queira dar” (B 208) Aqui, a consciência pura, ou consciência formal, identifica-se com a unidade da intuição pura, em que se une sinteticamente o múltiplo a priori do espaço e do tempo, constituindo uma grandeza extensiva. Se a sensação e a consciência pura são o múltiplo cuja unidade sintética constitui a grandeza intensiva da percepção, reaparece a dificuldade apresentada no parágrafo anterior: como poderia uma grandeza extensiva, cuja síntese é sucessiva, integrar uma grandeza intensiva, cuja síntese é instantânea?

Se as tentativas de identificar e compreender o múltiplo sintetizado na apreensão da grandeza intensiva depararam com dificuldades, que parecem tornar incompreensível uma tal síntese, convém retomar a interpretação daquilo de que há antecipação e que tem um grau numa gradação contínua. Talvez se apresentem alternativas de compreensão mais satisfatórias.

Comparem-se as passagens seguintes: “a sensação é, propriamente, o que na verdade nunca pode ser antecipado” e “porém, se por suposto se encontrasse ainda algo susceptível de conhecer-se a priori em toda sensação, como sensação em geral (als Empfindung überhaupt), (sem que seja dada uma sensação particular), mereceria ser chamado antecipação, num sentido excepcional” (A 167/ B 209). Admita-se que não haja inconsistência em da sensação se poder e não se poder antecipar, pois, talvez, entendida a sensação num certo sentido, dela se possa antecipar, enquanto que, entendida noutro sentido, dela não se possa antecipar. No sentido de representação particular ou singular efetivamente dada, da sensação não se poderia antecipar, mas dela só se poderia conhecer a posteriori. Este seria o sentido mais próprio de sensação, o de

acertadamente Guyer, ao acusar Kant de confundir uma diferença de espécie com uma diferença de grau: “Os componentes formal e material em intuições empíricas – isto é, as formas espacial e temporal e a matéria sensorial – não são diferentes graus de uma coisa que podem ser gradualmente transformados um no outro, mas são intrinsecamente diferentes” (Guyer, 1987, p. 203).

sensação enquanto sensação, como representação particular dada com qualidade empírica particular, cognoscível apenas a posteriori. Lê-se no texto kantiano: “a qualidade da sensação é sempre meramente empírica e não pode, de modo algum, ser representada a priori (por exemplo, as cores, o sabor, etc.) todas as sensações, enquanto tais, são dadas unicamente a posteriori...” (A 175-6/ B 217-8). A sensação, enquanto tal, ou seja, em seu sentido mais próprio, possui ou é uma qualidade (cor, sabor, etc.), e, como esta, só é cognoscível a posteriori, não a priori.

Entendida a sensação num outro sentido, no de sensação em geral, dela se poderia antecipar? Kant responde afirmativamente. Mas, o que é a “sensação em geral (sem que seja dada uma sensação particular)” (A 167/ B 209) A sensação em geral não é uma representação dada, como o é a sensação particular ou singular, efetivamente conhecida a posteriori, não é, portanto, a sensação enquanto tal, a sensação no sentido mais próprio. Antes, trata-se de um conceito, devido à sua generalidade, impossível de representar-se pela receptividade dos sentidos. Enquanto representação comum, este conceito representaria características comuns às diferentes sensações particulares. Supondo que a grandeza intensiva seja uma dessas características comuns, então seria característica das sensações particulares também. Mas, o que significa a sensação em geral ter a propriedade da grandeza intensiva?

Ora, à sensação em geral corresponde o real em geral, abstração feita de todas as qualidades de sensações dadas, que, a rigor, é um conceito que contém apenas um ser, por oposição à negação = 0, ou ao nada. Nas palavras de Kant: “o real que corresponde às sensações em geral, por oposição à negação = 0, representa apenas algo cujo conceito contém em si um ser...” (A 175/ B 217). Mas, como poderia este real, enquanto simples ser do fenômeno em geral, ter uma grandeza intensiva, de tal modo a se poder pensar em uma gradação contínua do ser, em mais ser ou menos ser do fenômeno em geral? Não seria, antes, mais plausível atribuir uma gradação contínua à qualidade da sensação, propriedade da sensação particular dada? Ora, como a qualidade só é cognoscível a posteriori, jamais se lhe poderia atribuir a infinidade de sua gradação, pois isso o conhecimento empírico não pode determinar. É possível o conhecimento empírico da variação de uma qualidade, a cor vermelha ou o calor, por exemplo, mas a possibilidade da gradação infinita dessa qualidade não é questão a solucionar pelo conhecimento empírico. Tampouco pelo conhecimento a priori, que supostamente anteciparia apenas do real em geral, não da qualidade. Contudo, Kant admite em certa passagem a antecipação da própria qualidade, parecendo identificar a qualidade com o que seria propriamente a sensação e, por isso, atribuindo-lhe um grau.

“Todas as cores, a vermelha por exemplo, têm um grau, que, por pequeno que seja, nunca é o mínimo; e o mesmo acontece sempre e por toda a parte com o calor, o momento do peso, etc...” (A 169/ B 211).

Se aquilo de que se pode antecipar não é nem a sensação enquanto tal, dada em sua particularidade, nem a qualidade, mas sim a sensação em geral, conforme afirmação anterior de Kant, então convém esclarecer isso. Se a sensação em geral não é propriamente uma sensação, mas um conceito, a este corresponde diretamente o conceito do real em geral. Cabe, então, a pergunta: poder-se-ia antecipar algo desse conceito? Considere-se, primeiro, a questão da compreensão do mesmo. Para isso, é preciso esclarecer se o conceito de real em geral é puro ou empírico. Se for empírico, terá uma generalidade apenas comparativa, de todo modo representará “apenas algo cujo conceito contém em si um ser”. Este último conceito é, supostamente, a categoria, ou conceito puro, do real. Ora, é possível conhecer algo a priori, isto é, antecipar, do suposto conceito empírico de real em geral, referindo a ele a categoria, ou conceito puro, do real, que contém um ser, por oposição à negação. A priori se representaria tão somente que o conceito empírico de real em geral contém um ser, mas não um grau. Se, ao contrário, o conceito de real em geral for puro, consistirá apenas na categoria do real, que contém somente um ser (por oposição à negação = 0), mas não um grau. A ele, enquanto conceito puro originário, não derivado, não faria sentido referir um outro conceito, que também contivesse apenas um ser, o que, ademais, seria supérfluo. O conceito de real em geral parece, portanto, diferente do conceito puro de real, e seria, então, um conceito empírico. Seja como for, não se poderia antecipar do conceito de real em geral o ter um grau. Tais considerações dizem respeito à origem e à compreensão do conceito de real em geral.

E quanto à extensão do conceito de real em geral? Seria possível antecipar algo dela? Ora, a extensão de um conceito empírico tem de ser determinada somente pelo conhecimento empírico, sempre efetivamente limitado, embora sempre capaz de superar seus limites dados empiricamente. De todo modo, não pode ser conhecida a priori, isto é, antecipada.

Enfim, apresentou-se uma leitura do texto das Antecipações da Percepção com alguma atenção a problemas e dificuldades que são um obstáculo a uma compreensão clara e satisfatória do mesmo.

Referências

- BENNETT, J. *La “Crítica de la razón pura” de Kant: Vol. 1 – La Analítica*. Trad. por A. Montesinos. Madrid: Alianza Editorial, 1979.
- CASSIRER, E. *Kant: vida y doctrina*. Trad. por Wenceslao Roces. 2ª ed. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1968.
- GUYER, P. *Kant and the claims of knowledge*. New York: Cambridge University Press, 1987.
- KANT, I. *Gesammelte Schriften*. Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin, 1900–
- PATON, H. J. *Kant’s metaphysik of experience: a commentary to the first half of the Kritik der Reinen Vernunft*. London: George Allen & Unwin, 1970.
- PHILONENKO, A. *L’oeuvre de Kant*. vol. 1. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1983.
- SMITH, N. K., *Commentary to Kant’s Critique of Pure Reason*. Atlantic Highlands, N.J.: Humanities Press International, 1992.

Resumo: Neste trabalho, examinam-se alguns aspectos da seção “As Antecipações da Percepção”, da *Crítica da razão pura*, apontando certas dificuldades nela presentes e buscando uma compreensão satisfatória da mesma. O próprio Kant admite que a concepção de uma antecipação da percepção é algo chocante para alguém habituado à reflexão transcendental. Procura-se, então, determinar inicialmente do que precisamente se pode antecipar. Trata-se não da sensação propriamente, mas da percepção, que é produto de uma síntese da apreensão. Esta apreende somente uma unidade, não mediante a ligação sucessiva de partes, mas de modo instantâneo, constituindo uma grandeza intensiva. Aponta-se a dificuldade de conciliar tal unidade com a propriedade das grandezas em geral, a continuidade. Tenta-se resolver a dificuldade pela consideração do que seja o múltiplo unido nessa síntese, procurando identificar-lhe os componentes. Um destes é a sensação e os outros candidatos são ou o nada = 0 ou a intuição pura ou a consciência pura. As dificuldades encontradas nesse ensaio levam a sugerir que aquilo de que há antecipação não seria a sensação enquanto tal, mas sim a sensação em geral, que é uma representação conceitual e empírica. Observa-se que a compreensão deste conceito parece conter apenas um ser, mas não um grau, ou gradação contínua, como pretende Kant.

Palavras-chave: Antecipações da percepção, *Crítica da razão pura*, Kant

Abstract: In this work, we examine some features of the section “Anticipations of Perception”, of the *Critique of Pure Reason*, pointing out certain difficulties

present in it and attempting a satisfactory comprehension of it. Kant himself allows that the conception of an anticipation of perception is shocking for anyone accustomed to transcendental reflection. So, we try to determine, first, what precisely one can anticipate. We conclude that it is not properly sensation one can anticipate, but rather perception, which the product of a synthesis of apprehension. This synthesis apprehends solely a unity, not through the successive connection of parts, but instantaneously, constituting an intensive magnitude. We adduce the difficulty in reconciling such unity with the property of magnitudes in general, namely, continuity. We attempt to solve that difficulty by considering the manifold united in that synthesis and trying to identify its components. One of these is the sensation and the other candidates are either the nothing = 0 or the pure intuition or the pure consciousness. The difficulties found in this trial lead us to suggest that what is anticipated is not sensation as such, but rather sensation in general, which is a conceptual and empirical representation. We remark that the comprehension of this concept seems to contain only a being, not a degree, or continuous gradation, as Kant claims.

Keywords: Anticipations of perception, *Critique of pure reason*, Kant

Recebido em 08/02/2011; aprovado em 13/07/2011.